

HOMENAGEM À MEMÓRIA DE MARIANO FEIO EM FERREIRA DO ALENTEJO O MEU ADEUS A MARIANO FEIO

RAUL ROSADO FERNANDES ¹

A 26 de Outubro de 2004 quiseram os autarcas de Ferreira do Alentejo, o Presidente da Misericórdia local, o povo da vila e todos os que trabalham no legado que Mariano Feio deixou para obras sociais dedicadas a crianças e aos mais idosos, juntamente com a Herdade do Outeiro destinada à investigação e experimentação científicas, comemorar a data da sua morte em 2003. Fizeram-no com a publicação de um livro de homenagem, em que figuram vários textos a respeito do grande geógrafo português, discípulo e companheiro de Orlando Ribeiro. Entre os textos encontra-se o que, em 1984, o consagrou como laureado, no seguimento de Vitorino Nemésio e de Miguel Torga, com o prémio Montaigne, prémio de Humanismo, concedido pela então FVS Stiftung de Hamburgo, hoje com o nome do seu fundador Alfred Toepfer, o maior negociante de cereais do mundo do seu tempo, e denominada portanto Alfred Toepfer Stiftung FVS, que ainda neste ano de 2004 distinguiu com o mesmo prémio o sociólogo e ex-político António Barreto.

Tendo privado com ele durante muitos anos, não só no campo da agricultura, como no da Universidade, dediquei à sua memória, naquela sessão pública, as seguintes palavras:

Já me despedi de vários amigos, em circunstâncias iguais a esta. Foi sempre com saudade, porque a eles me tinham ligado laços intelectuais e sentimentais durante o espaço de tempo em que nos conhecemos e estimámos. Também eu espero por este momento, em que alguém se despeça de mim. É a vida que inexoravelmente a tal nos leva sem excepção.

A Mariano Feio ligavam-me a universidade e a terra. Eram os nossos grandes amores. Mas, calouro ainda, conheci-o primeiro a ensinar Geografia Física na Faculdade de Letras de Lisboa. O seu porte magro e digno, a cara severa, a bengala a que fora forçado encostar-se, devido a grave acidente na Serra do Algarve em pesquisa geográfica, ele que era um excelente desportista, ficaram-me gravados na memória. Tinha a coragem de dizer *NÃO*, como disciplinado que era e duro para consigo próprio. Constava entre os alunos que se tratava de um homem corajoso e de opinião o que demonstrou com o episódio que se passou com ele nessa altura, nos princípios dos anos 50, peripécia que o fez subir na nossa consideração.

Estava a Faculdade, onde ele ensinava e eu aprendia, ainda no velho edifício do Convento de Jesus, já nessa altura compartilhado com a Academia das Ciências: portas velhas, cisterna ao meio do claustro, aulas improvisadas nas arcadas. Trabalhava lá um

¹ Universidade de Lisboa. E-mail: rmrff@netcabo.pt

contínuo, monárquico de convicção, chamado Sr Pitta. A sua alta estatura, cerca de 1,90m e correspondente peso, aterrorizavam os professores, quando ao chegar a hora do acabar das aulas, ele metia o pé à porta (calçava 47), a porta abria-se com grande estrondo, e com voz tonitruante, vociferava: *Senhor doutor, está na hora!* Fechava seguidamente a porta com igual delicadeza e ruído.

Assustavam-se os ensinantes com tão poderosa voz e encorpado tamanho, excepto quando chegou a vez de Mariano Feio. Ao ser intimado pelo Sr Pitta, Mariano Feio, com a voz fina que era a sua e a maior calma do mundo, sintoma da frieza do seu carácter, que a dor física posterior ao acidente do passado tinha acentuado e aguçado, virou-se para o funcionário e disse-lhe, cortante, em tom inexorável e espaçado: *Senhor Pitta! O senhor vai fechar a porta; seguidamente vai bater à porta e pede-me licença para entrar. Quando eu lha der, abre a porta, e só depois é que diz 'está na hora, senhor doutor'*. O tom álgido da ordem dada, levou o Sr Pitta a bater à porta, e só depois de autorizado anunciar, quase timidamente, que a hora de terminar a aula já tinha batido.

Já nessa altura pertencia Mariano Feio ao grupo científico de Geografia dirigido pelo grande Mestre Orlando Ribeiro, por quem todos nós sentíamos a maior consideração, até porque por todos nós era lido e compreendido o seu *Portugal, O Mediterrâneo e o Atlântico*, que nos deslumbrava pelo estilo, clareza e saber geográfico. Era gente que aliava altos conhecimentos teóricos à prática indispensável de conhecerem a pé os terrenos que, em fase prévia, científica mas virtualmente pisavam. Faziam exactamente aquilo que boa parte dos nossos universitários não faz, soldados que estão às suas secretárias, microscópios ou mapas e estatísticas. Fundamentavam as suas conclusões científicas na observação e na experimentação, método que a ter sido respeitado por todos, repito por todos, teria evitado o estado de atraso em que o nosso país se encontra, apesar dos relatórios, dos pareceres científicos que têm enriquecido alguns escritórios, mas que foram depois destinados a terminar os seus dias no conforto das gavetas das secretarias.

Verifiquei, embora ensinasse Grego e Latim, onde são os textos antigos que calcorreamos, os bons resultados deste seu método, e graças a Deus de muitos outros mestres e investigadores, na convivência que mantivemos durante os anos das ocupações, em que estávamos na Universidade de Évora em funções diversas, pois limitava-me a ser vogal da Comissão Instaladora, e nos vimos privados das terras que com grande empenho cultivávamos. Foi com ele que discuti os primeiros passos para organizar um movimento de agricultores, que hoje se consubstancia na CAP, e foi com ele e nos nossos encontros regulares que organizei e concebi algumas intervenções proferidas por mim no estrangeiro, que davam uma imagem vivida e realista dos agricultores e da agricultura de Portugal, das suas dificuldades com o clima, solos, educação e inexperiência comercial, numa época de insegurança, que infelizmente não parou, mas por outras razões entre as quais avulta a falta de obrigatoriedade escolar, que tem levado a população estudantil a um índice imperdoável de insucesso escolar, motivado pelo desinteresse do povo, e ignorância e desleixo da classe dos ensinantes e dos próprios governantes.

A experimentação com sólidas bases teóricas era a sua paixão. Esperemos que assim continue a ser na Herdade do Outeiro em Canhestros, que legou à Escola Superior Agrária de Beja, para que esta se não transforme em mais um galinheiro estatal de burocratas que nada experimentam nem publicam.

Falo desta hipótese, que espero não se venha a concretizar, porque relembro com alguma mágoa o que entre mim, ele e Marçal Grilo se passou, quando se tratou de nomear um director para a Escola Superior Agrária de Santarém. Mariano Feio, era eu Reitor da Universidade Clássica de Lisboa e tinha contactos profissionais e amigos com o então Director-Geral do Ensino Superior, Eduardo Marçal Grilo, pediu-me, não era esse o seu

costume, que gostaria de abandonar a Universidade de Évora, que eu tinha tentado em vão, quando na Comissão Instaladora, contribuir para que se tornasse uma escola de profissionais e não de teóricos ‘engenheiros’, para ser nomeado Director da referida Escola Superior.

Marçal Grilo ficou entusiasmado com a ideia e propôs sem hesitações o seu nome aos professores que lá ensinavam. Esquecemo-nos de que grande parte deles era constituída (esperemos que o já não seja) por convictos burocratas da teoria e, portanto, hostis, seguindo secular e escolástica tradição portuguesa (em que felizmente se encontram muitas excepções), ao espírito científico ligado à observação e à experimentação, sem descurar por isso os manuais e os artigos teóricos. Num primeiro contacto programático, propôs inocentemente Mariano Feio que se comprasse uma balança para a escola, onde se produzia, mas não se media com a eficácia desejável o que se produzia. Este pedido tão simples e chocantemente humilde, indispensável contudo para que se soubesse o resultado quantitativo das produções das culturas que se ensaiavam, foi recebido com apupos pelos professores menos habilitados, mas numerosos, que achavam que uma balança era instrumento indigno dos grandes investigadores que não eram. Mediam, ousamos dizer, ‘a olho’ para encobrir certamente os falhanços da sua experimentação ‘científica’, porque, se medissem, teriam de publicar os resultados dos ensaios o que é sempre perigoso.

Foi o pretexto bastante para que não aceitassem Mariano Feio como Director e para que continuassem nas supostas investigações que nunca chegarão às nossas mãos. Julgo que a Escola de Santarém já terá ultrapassado essas dificuldades de afirmação, porque tenho notícia de que os seus alunos encontram, por mérito próprio, emprego nas empresas agrícolas da região. Isso não impede que o facto que registo seja tristemente histórico, testemunhado por gente séria que ainda hoje vive.

Deixo-vos pois aqui o relato de dois episódios da vida de Mariano Feio que poucos conhecem e que constituem o maior louvor que eu poderia tecer à memória de um homem simples de aparência, complexo emocionalmente e espiritualmente, asceta autêntico no que respeitou a resistência à dor, de que se não queixava aos amigos, que levou uma vida de grande simplicidade em que a única riqueza eram os seus livros e a sua casa rústica e pobre numa falésia da Costa Vicentina, apesar de dispor de bens materiais, agora legados a esta terra. Geria-os com grande cuidado e vivacidade, pois sabia fazer contabilidade analítica como ninguém, depois de ter tido um percurso brilhante de engenheiro civil formado no Técnico, de interessado paleontologista a estudar em Munique, de geógrafo e humanista, depois de ter conhecido Orlando Ribeiro.

Era religiosamente ateu e não acreditava na vida do além, e eu, que não sou nem uma coisa nem outra, gostava que algo existisse no tal Além, para nele me encontrar com todos, que não são muitos, os que muito estimei nesta vida e que, como ele, desapareceram.